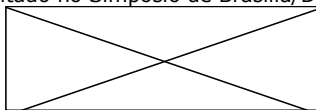


VARIANTES DO TRATAMENTO PADRÃO - LACAN, 1955

Miriam Nogueira Lima.

Apresentado no Simpósio de Brasília/DF - 2002



I – Causas do texto.

Sob o título original “Variantes de la cure type”, foi publicado um artigo de Lacan, em 1955, na *Encyclopédie médico-chirurgicale*, de onde foi suprimido, cinco anos depois, em 1960, por ter sido julgado demasiado difícil de decifrar. Segundo Elisabeth Roudinesco,^[1] o fato enfureceu Lacan que, então, fez dele uma versão “mais virulenta” (sic) para a edição dos *Escritos*, em 1966.

Faço duas observações neste ponto. Primeiro, me ocorre a semelhança com a história da escrita e das diversas publicações, numa peripécia de aparecimentos e desaparecimentos, até sua publicação final, inteiramente revisada e modificada, também incluída nos *Escritos*, em 1966, de outro texto, aliás, fundamental, de Lacan, que é o do “Estádio do espelho”. Este também teria sofrido uma ação de supressão, o que, segundo a biografia, igualmente enfurecera Lacan a ponto de não o ter deixado para os anais do Congresso da IPA, em Mariembad. Era o ano de 1939 e Freud, já bastante doente, a ele não compareceu. Enquanto isto, Ernest Jones, presidente da IPA, na ocasião, e que também presidia o Congresso, teria interrompido a apresentação daquele jovem desconhecido e obscuro – em meio a tantos monstros sagrados, que se digladiavam na arena em que se transformara a ambiência psicanalítica de então – e seu texto certamente considerado confuso, ininteligível, no mínimo inadequado aos padrões vigentes.

A segunda observação recai sobre a expressão “uma versão mais virulenta”, empregada por E. Roudinesco, que me chamou a atenção. É ainda a história das peripécias que esclarece as razões disso. Henry Ey solicitara a Lacan que escrevesse um artigo para figurar na EMC paralelamente ao de Maurice Bouvet, um dos expoentes da Sociedade Psicanalítica de Paris, que representava as posições desta mesma SPP. Assim como Daniel Lagache, Sacha Nacht, Françoise Dolto, e o próprio Lacan, ele integrava a segunda geração de psicanalistas franceses, a terceira na história da psicanálise mundial. Sendo um dos mais respeitados analistas titulares daquela Sociedade, foi responsável pela formação de vários outros notáveis da terceira geração, como François Perrier, por exemplo. Seus trabalhos, essencialmente clínicos e de inspiração pós-freudiana, abordavam os temas da “relação de objeto”, da “despersonalização” e do “tratamento padrão”, e sobre este último consistia seu texto escrito para a Enciclopédia. Coube a Lacan encarregar-se das “Variantes do Tratamento Padrão”. Se Maurice Bouvet se preocupava com a expansão do lacanismo, Lacan, por sua vez, atacava Bouvet e outros na SPP, visando o que ele considerava uma concepção “extraviada” da psicanálise freudiana – uma doutrina centrada no *eu* e não no *isso*, uma versão adaptativa do indivíduo à sociedade a partir de teses da *psicologia do ego*, corrente vienense de Anna Freud. Lacan opunha a isso tanto uma tradição húngara – Ferencsi e Balint – na qual ele próprio se inspirara como também a valorização do freudismo, centrada na busca da verdade do sujeito e do desenvolvimento do desejo inconsciente para além das pulsões do eu.

O texto de Bouvet é, enfim, um enorme relatório, representante da clássica ortodoxia de então, onde os analisantes são chamados de doentes e os psicanalistas de médicos. O tratamento padrão visa à análise do ego por meio da redução das resistências, a partir do privilégio dado à segunda tópica freudiana, entretanto lida como se tratando de uma supremacia do *eu* em detrimento do *isso*. Aí, o *wo Es war soll Ich werden*^[2] freudiano é entendido como o *eu* devendo desalojar o *isso*. Em termos de prática, os critérios padronizados do tratamento incidiam sobre preços normatizados, número de sessões

previamente fixado, tempo de sessão cronometrado, cor da vestimenta do terapeuta, neutralidade inodora, recomendações de prudência etc., questões fechadas, indiscutíveis.

Tudo o que E. Roudinesco relata sobre isso, que praticamente transcrevi na íntegra desde seus livros sobre o assunto, acaba por concluir que o artigo de M. Bouvet define uma “concepção tecnicista e médica da psicanálise”, por onde se afirma ainda hoje, assim ela diz, na SPP, o princípio de uma “profissão de analista”.

II – Questões do texto.

A partir de agora, me baseio no texto de Lacan conforme sua edição nos *Escritos* ^[3]. Consta de quatro partes – Uma questão morcego: examiná-la às claras. – Da via do psicanalista à sua manutenção considerada em seu desvio. – Do Eu na análise e de sua finalidade no analista. – O que o psicanalista deve saber: ignorar o que ele sabe.

Temos feito estudos preparatórios para o próximo Congresso de Convergência, que acontecerá no Rio de Janeiro, em maio de 2004, sobre este tema, estudos estes que vimos realizando no Espaço Convergência, criado pela CEL – RJ, Comissão de Enlace Local-Rio, formada pelas instituições Corpo Freudiano, Escola Lacaniana, Intersecção Psicanalítica do Brasil, Laço Analítico e Práxis Lacaniana. Tais encontros acontecem no segundo sábado de cada mês, iniciaram-se em março deste ano, e até o momento tivemos seis reuniões de trabalho sobre o texto. A partir destes estudos, pretendo destacar pelo menos uma questão de cada uma das quatro partes integrantes do texto. Indico agora quais são essas questões e espero poder desenvolver mais amplamente numa outra parte.

Do primeiro encontro, realizado no Laço Analítico, em 09 de março, destaco a questão “Por que é a transferência que obriga, pela via do rigor ético, a passagem dos formalismos à formalização?” Não estive presente a este encontro, mas recebi a relação das questões levantadas. Destaquei, entre elas, esta que para mim continua em aberto, na medida em que sinto falta do debate em torno disso. Mas quero entender que esta passagem do formalismo à formalização é que faz toda a diferença do que se pode, a partir de Freud com Lacan, chamar propriamente de uma prática psicanalítica, não só no que tange à direção de um tratamento, mas, sobretudo no que trata da formação dos analistas e das questões institucionais.

Do trabalho que realizamos em 13 de abril, na Escola Lacaniana, pincei duas questões: “O analista detém toda a responsabilidade a partir do lugar de ouvinte” (p.332), e uma segunda que diz... “a confusão entre resistência e defesa do eu não pode ser tomada, como fez Anna Freud e outros, como justificativa para fazer do tratamento um ataque que tem por finalidade corrigir as coisas e dar-lhes “um sentido verdadeiro”, isto é, o sentido que o analista detém, pois... “o analista não atinge em sua própria personalidade o grau de normalidade a que gostaria que seus pacientes chegassem.” [Freud, “Análise terminável e interminável”, citado por Lacan, (p.337)].

Quando trabalhamos em 11 de maio, na Práxis Lacaniana, foi importante destacarmos que, para Lacan, sua própria afirmação... “uma psicanálise é o tratamento que se espera de um psicanalista” (p.331) constitui um critério de distinção entre psicanálise e outras práticas como as psicoterapias, critério que ele diz ser pouco enunciado por se tratar de uma afirmação tomada como evidente, como repetição inútil, como tautológica, e que por isso não se a examina.

Também a questão, já consagrada, do engodo no qual se precipitou a nova orientação técnica a partir principalmente de Anna Freud em relação à interpretação que fizeram da segunda tópica freudiana (p.336), em que a supremacia do *eu* viria desalojar o *isso*, desvirtuando a afirmação de Freud que Lacan, muito a propósito, veio resgatar ao colocar a noção de sujeito a partir do *Je*, e não do *ego*, o que faz já de saída com o

emprego de uma nova nomenclatura para traduzir o *Ich* freudiano.

Penso que decorre em grande parte do que acabamos de sublinhar, embora não somente daí, o que foi interrogado a seguir, neste encontro: “O que situa uma diferença entre a barafunda psicoterapêutica e as condições de uma psicanálise?” (p.337).

Em 08 de Junho foi a vez de Intersecção Psicanalítica do Brasil, representada na CEL-RJ pelos participantes do Rio de Janeiro, promover o quarto encontro do Espaço Convergência. Das seis questões que formulamos para o debate, me instigam particularmente três delas. A primeira diz respeito à afirmação de Lacan de que “ainda que o analista esteja entre os comuns mortais pelo fato de falar, ele faz, entretanto, um uso desta função que não está ao alcance de todo mundo, quando porta a palavra falada” (p.352)... “e o silêncio que também comporta a fala” (p. 353). Mais abaixo, retomarei este ponto.

Outra questão que me chama recaí sobre a afirmação “o eu nunca é senão metade do sujeito, e é ainda aquela que ele perde ao encontrá-la” (p.348), afirmação lacaniana cuja força se colocara desde a tópica do imaginário, a partir da teorização sobre o Estádio do Espelho.

E por fim, ainda deste encontro, escolho o que resulta da conceituação do lugar do analista a partir da subjetivação da morte, quando Lacan diz que ele, o analista, “pode agora responder ao sujeito do lugar que quiser, mas não quer mais nada que determine este lugar”... Contudo, sua atitude “não pode ficar entregue à indeterminação de uma liberdade de indiferença” (p. 351). Ou seja, ainda que se trate de colocar alguma coisa no lugar de coisa alguma, não se trata, jamais, de qualquer coisa.

Do encontro de 13 de julho, realizado no Corpo Freudiano, escolhi o que é abordado no texto sobre o desejo de saber ou de poder que move o candidato como princípio de sua decisão, que “este desejo deve ser tratado à semelhança do desejo de amar no neurótico, do qual a sabedoria sempre soube que ele é a antinomia do amor” (p.360).

A paixão do amor juntamente com a do ódio e da ignorância – as paixões do ser – retornarão mais adiante, quando, a propósito desta última, ele adverte que “... não deve ser entendida como uma ausência de saber, mas, tal como o amor e o ódio, como uma paixão do ser; porque ela pode ser, à semelhança deles, uma via em que o ser se forma” (p.360), e no final do texto, no último parágrafo, ele acaba por afirmar “... a análise só pode encontrar sua medida nas vias de uma douta ignorância” (p.364).

Neste ponto, faço uma consulta ao Seminário 1. ^[4] Encontra-se, aí, que no analisante a ignorância se apresenta desde antes mesmo de qualquer começo de análise, pois “... as duas possibilidades do amor e do ódio não vão sem essa terceira, que se negligencia, e que não se nomeia entre os componentes primários da transferência – a ignorância enquanto paixão. (...) O sujeito que vem para a análise se coloca, entretanto, como tal na posição daquele que ignora.” (p. 309). É necessário lembrar também o que ele considera sobre “o ser”, ainda neste Seminário, quando diz “... porque as palavras, os símbolos, introduzem um oco, um buraco graças ao que as espécies de franqueamentos são possíveis. As coisas tornam-se intercambiáveis. Esse buraco no real chama-se, segundo a maneira pela qual o encaramos, o ser ou o nada. Esse ser e esse nada são essencialmente ligados ao fenômeno da palavra. Na dimensão do ser é que se situam a tripartição do simbólico, do imaginário e do real, categorias elementares sem as quais não podemos distinguir nada na nossa experiência” (p. 308). E vai inscrever as três paixões fundamentais – amor, ódio e ignorância – na dimensão do ser e não do real, colocando o amor na junção do simbólico e do imaginário, o ódio na junção do imaginário e do real, e a ignorância na junção do real e do simbólico. ^[5]

Sublinha, sobre estas “arestas passionais”, a necessidade de “distinguir o amor, como paixão imaginária, do dom ativo que constitui no plano simbólico” (p. 314)... “O desejo de ser amado é o desejo de que o objeto amante seja tomado como tal,

enviscado, submetido à particularidade absoluta de si mesmo como objeto”... “inversamente, (...) amar é amar um ser para além do que ele parece ser. O dom ativo do amor visa o outro, não na sua especificidade, mas no seu ser” (p.315). Sobre o ódio, ele diz que é a mesma coisa. “Há uma dimensão imaginária do ódio, na medida em que a destruição do outro é um pólo da estrutura mesma da relação intersubjetiva.”... E a seguir, “Aí mesmo, a dimensão imaginária é enquadrada pela relação simbólica, e é por isso que o ódio não se satisfaz com o desaparecimento do adversário. Se o amor aspira ao desenvolvimento do ser do outro, o ódio quer o contrário, seja o seu rebaixamento, seja a sua desorientação, o seu desvio, o seu delírio, a sua negação detalhada, a sua subversão. É nisso que o ódio como o amor é uma carreira sem limite”. (p.316). E finalmente, esclarece: “Entendam bem que, falando-lhes de amor e de ódio, eu lhe designo as vias de realização do ser, não a realização do ser, mas somente suas vias” (idem).

Feita esta volta pelo Seminário 1, retorno ao estudo do texto “Variantes do tratamento padrão, nos *Escritos*. Restou uma questão entre o que selecionei desse encontro, “... o que autoriza o analista a tomar seu saber como privilegiado?”(p.352), que para mim ficou em aberto e penso, principalmente levando em conta que se trata de uma ironia, que é uma ótima pergunta para se pensar a respeito.

O encontro recém passado aconteceu dia 10 de agosto, novamente no Laço Analítico, pelo rodízio, e apresentou três questões das quais permanece sublinhada para mim a da escuta do analista e de sua intervenção silenciosa, do silêncio que guarda^[61] a palavra (p. 353). O silêncio que é “de ouro” é o silêncio eloquente, quando a palavra não é proferida por escolha do analista que, por outro lado, quando fala só pode ser, em suas palavras, ele mesmo. Diz Lacan: “o analista deve aspirar a um domínio tal de sua fala que ela seja idêntica a seu ser. Pois não precisará proferir muito dela no tratamento, ou até tão pouco que seria de se supor que não precisa de nenhuma, para ouvir – toda vez que, com a ajuda de Deus, isto é, do próprio sujeito, houver levado um tratamento a seu termo – o sujeito dizer-lhe as próprias palavras em que reconhece a lei de seu ser” (p.361).

Este escrito de Lacan é inteiramente perpassado das melhores afirmações, mas esta acima é certamente *non plus ultra*.

Rio de Janeiro, 13 de agosto de 2002.

miriamlima@openlink.com.br

² Apresentado no Simpósio da Intersecção Psicanalítica do Brasil, em Brasília de 23 a 25 de agosto de 2002.

[1] Roudinesco, E. *Jacques Lacan: esboço de uma vida, história de um sistema de pensamento*. São Paulo, Companhia das Letras, 1994, p.258, 490. Roudinesco, E. e Plon, M., *Dictionnaire de la psychanalyse*, Paris, Fayard, 1997, p. 140, 141.

[2] Lá onde isso era o eu deve advir.

[3] Lacan, J. *Escritos*, Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1998.

[4] Lacan, J. *O Seminário*, Livro 1, Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1979.

[5] É preciso ver o sentido de junção, ou conjunção, como **ruptura** (pergunta da Sra.

Aubry, op.cit., p.311) ou, como diz Lacan, “na junção do simbólico e do imaginário, essa **fenda**, se vocês quiserem essa **aresta** que se chama o amor” (idem, p. 309, primeiro parágrafo).

^[6] Podemos nos ater ao sentido de se *zelar*, *cuidar* além de *comportar*, *conter*, da palavra “guardar.”